

## *O sertanejo que escreve com as plantas*



Seu Gilson Fernando Barros é sertanejo arretado! Enraizado no povoado Vistoso em Monte Alegre, Sergipe. Logo, logo, criou galhos e aos 57 anos, já tem 9 filhos e 5 netos. Resolveu encarar a terra e a seca. "Sertanejo não podia ir pra escola aprender as letras, eu mesmo que tive que pagar um professor pra aprender a escrever meu nome" afirma Seu Gilson que resolveu usar a terra árida como quadro e as plantas como lápis.

Seu Gilson começou a escrever com as plantas. "Tem apenas 7 anos que consegui comprar meu pedacinho de chão, saí da terra do meu pai para

o povoado Belo Monte, foram 5 tarefas e meias, mais ou menos 100 varas, e todo dia acordo cedinho, e venho cá cuidar de minhas plantas, muitas vezes sozinho, algumas vezes com minha fia e o netinho", lembra Seu Gilson. Ele trabalha sete dias por semana, das cinco horas da madrugada até o cair da noite, dependendo se tiver água. Sim, décadas se passam, governos entram, saem (vez em quando toma golpe) e os grandes problemas do sertanejo continuam sendo a terra e água. Oxente, como isso acontece? As terras mais próximas das águas tem dono, o Junior ou o Neto, grandes fazendeiros que muitas vezes até o nome e sobrenome se repetem, ou sendo mais direto: os novos coronéis donos das terras e águas ( agrohidronegócio)

Seu Gilson escreve com as plantas, sem usar nenhum agrotóxico ou químico, ele sabe exatamente a medida mínima de água que cada espécie precisa. "Eu sei a bisnaga (a medida) que cada plantinha precisa pra viver. Só uso água e sabugo de milho perto da raiz, até porque quando molho demora mais tempo pra evaporar. Tem plantas fortes e plantas fracas, então planto as fracas na sombra dos fortes. Planto milho, verduras, frutas e ainda crio minhas galinhas", explica. No terreiro do "cabra", tem: milho, feijão, palma, mandioca, quiabo, beterraba, pepino, cenoura, além das fruteiras como: goiabeira, pinheira, pitombeira, pitangueira, maracujá, mamão, limão, coqueiro, jenipapo, graviola, mangueira e umbuzeiro e se começar a tossir ou ficar doente, ele ainda planta: pilacilina, boldo e capim-santo.





“Aqui fica bonito é quando chove, tudo verdinho, cheio de frutas. Em época de chuva eu não compro fruta nem verdura em feira não! São 3 meses de fartura, chego a doar pros vizinho tudo e, vez em quando chove, aí nois corre pra roça. Mas tá cada vez mais difícil saber quando chove, esses tempos doido, pra mim, eu olho pro céu quando as galinhas decidem tomar banho de sol, aí cai uns chuviscos”, reflete o agricultor. Reclamando das mudanças climáticas, seu Gilson de maneira subjetiva faz duras críticas as empresas capitalistas em seu

vampirismo com a natureza, que vem implementando projetos que muda cursos de rios e mares (através dos hidronegócios), que poluem matas, e que defende que o ser humano deve estar acima da natureza, como se houvesse algum ser neste planeta sem a bênção da mãe natureza.

### Se tem deserto, deve ter oásis!

Mesmo quase sem chuvas o sítio de Seu Gilson parece um oásis no meio do deserto sertanejo. Verde, um pouco amarelado, e vez em quando vermelho. Com um pouco de água da sua cisterna de 16 mil litros para consumo individual, a fotografia do seu terreno já contrasta dos vizinhos, imagina com a cisterna para produção de alimentos saudáveis do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) com capacidade de 52 mil litros. “Já cavei o buraco para minha cisterna-enxurrada e fui nos cursos, aprendi bastante, principalmente sobre o veneno, nunca usei agrotóxico e eu uso as minhas próprias sementes, compro de ninguém não. Quando tiver minha cisterna nova cheia e receber minhas ovelhas vou plantar ainda mais outros tipos de frutas e verduras”, argumenta satisfeito. Seu Gilson fala dos cursos de capacitação que recebeu do Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC).

O agricultor é um guardião de sementes crioulas. Ele mora com a filha mais nova, Patrícia Barros, de 18 anos e o bebê dela, Maria Lúcia de apenas um ano. Patrícia gosta da vida no campo e trabalha com o pai no quintal produtivo quase todos os dias, mas todos os dias é ela quem cuida dos afazeres da casa e da gestão da água e dos alimentos consumidos pela família. Seu Gilson guarda sementes de resistência sertaneja na família. Sua terra parece um oásis, e oásis não é a abundância de água, é o aprender a conviver, da convivência com o Semiárido, com a biodiversidade, e com os modos de vida camponesa, princípios fundantes da agroecologia. Se tem oásis, é porque é possível conviver com o Semiárido.

